

## NO SERTÃO, A INVENÇÃO DA CIDADE INVISÍVEL

In the backland, the invention of the invisible city

Robson William Potier<sup>6</sup>

### Resumo

Em 1972, quando Italo Calvino lançou *As cidades invisíveis* - para muitos a mais icônica de suas obras literárias - o autor presenteou seus leitores com uma forma bastante única e peculiar de pensar a cidade: entre muitos elementos possíveis de serem analisados, destaca-se que as cidades de Calvino têm em comum o fato de não serem observáveis apenas pela visão física, material, produzida pelos olhos. O objeto do presente texto é uma cidade que não consta entre as cinquenta e cinco descritas na obra de Calvino, mas, ainda assim, carrega consigo muitos dos elementos capazes de nos fazer pensar nela como mais uma “cidade invisível”. Trata-se de *Juazeiro do Norte*, situada geograficamente no estado brasileiro do Ceará.

**Palavras-chave:** Invisível, cidade, Juazeiro.

### Abstract

In 1972, when Italo Calvino released *The Invisible Cities* - for many the most iconic of his literary works - the author presented his readers with a very unique and peculiar way of thinking about the city: among many possible elements to be analyzed, it stands out that Calvin's cities have in common the fact that they are not observable only through the physical, material vision produced by the eyes. The object of this text is a city that is not among the fifty-five described in Calvino's work, but, even so, it carries with it many of the elements capable of making us think of it as another “invisible city”. It is Juazeiro do Norte, geographically located in the Brazilian state of Ceará.

**Keywords:** Invisible, city, Juazeiro.

---

<sup>6</sup> Doutor em história social pela UFC, Mestre em história cultural pela UFRN; Professor efetivo da SEEC-RN; <http://lattes.cnpq.br/0716817884356567>; [robsonpotier@yahoo.vom.br](mailto:robsonpotier@yahoo.vom.br);

## Introdução

*As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas.<sup>7</sup>*  
(Italo Calvino - Marco Polo ao Kublai khan)

Em 1972, quando Italo Calvino lançou *As cidades invisíveis* - para muitos a mais icônica de suas obras literárias - o autor presenteou seus leitores com uma forma bastante única e peculiar de pensar a cidade: entre muitos elementos possíveis de serem analisados, destaca-se que as cidades de Calvino têm em comum o fato de não serem observáveis apenas pela visão física, material, produzida pelos olhos. São cidades fluídas, sensíveis, construídas a partir de vivências, experiências, práticas, memórias, trocas e interações entre o que é visível e invisível, entre seus signos e os sentidos a eles atribuídos.

Em sua obra ficcional Calvino apresenta diálogos entre o Kublai Khan, imperador mongol da China, e o viajante veneziano Marco Polo, seu embaixador, que se incumbe de descrever, a partir de imagens construídas com gestos e palavras, simbolismos e sensibilidades, memórias que se formam a partir de experiências entrecruzadas, parte das cidades que compõe o grande império. Essas são, aliás, cidades que no momento das narrações de Polo, o Khan sabe da existência, porém, nunca visitou nem experienciou.

As imagens das cidades apresentadas por Polo são carregadas das tradições e práticas cotidianas que envolvem seus habitantes e visitantes. Também são, na maioria das vezes, descritas a partir de narrativas fantásticas ou maravilhosas, invocadoras de sensibilidades que remetem a elementos como euforia, tristeza, alegria, cansaço, orgulho, lembrança, nostalgia...

<sup>7</sup> CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2ed.

A obra permite que o leitor acompanhe os relatos do viajante, “visitando” essas cidades invisíveis, seja seguindo a sequência oferecida pelo livro, seja subvertendo tal ordenamento de modo a percorrer outros itinerários de experiências com as cidades. De tais experiências é possível retirar algumas lições<sup>8</sup>. A *primeira* delas é que o urbano é feito de uma matéria não manipulável, rebelde, caprichosa, mas nem por isso menos palpável, crível, real e fascinante. A *segunda* lição é que cada cidade é única em sua paisagem e na construção do seu espaço pelos seus praticantes<sup>9</sup>. Esse espaço é formado pelos sentidos que lhe vão sendo continuamente atribuídos nas dinâmicas históricas de sua existência, portanto, o número de possíveis cidades é infinito, mas também são infinitas as possibilidades de se perceber e descrever cada cidade.

Uma *terceira* lição dá conta de que as cidades invisíveis são construídas nos relatos de Marco Polo a partir de arquétipos, ou seja, por dimensões ou imagens que se ajustam a todas as cidades e a apenas a uma ao mesmo tempo, servindo, portanto, como elementos diferenciadores que tornam, paradoxalmente, cada cidade única.

O objeto do presente texto é uma cidade que não consta entre as cinquenta e cinco descritas na obra de Calvino, mas, ainda assim, carrega consigo muitos dos elementos capazes de nos fazer pensar nela como mais uma “cidade invisível”. Trata-se de *Juazeiro do Norte*, situada geograficamente no estado brasileiro do Ceará.

## 1. Juazeiro do Norte: o tempo e o espaço nas tessituras de uma cidade invisível

<sup>8</sup> MONTEIRO, Evandro Zigliatti. **Cidades invisíveis visitadas**. Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. São Paulo: ano 08, n. 085.02, Vitruvius, jan. 2009. p. 1.

<sup>9</sup> Trabalhamos com a perspectiva formulada por Michel de Certeau, na qual os espaços são definidos culturalmente e socialmente não apenas a partir da forma como são idealizados pelos poderes institucionais, mas, principalmente, pela forma como adquirem sentidos ao serem praticados por seus sujeitos. Para Certeau, o praticante subverte o espaço praticando-o de formas inusitadas e conferindo-lhe novos sentidos ao longo do tempo. Ver: CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.



A cidade nasceu de um processo que se inicia na primeira metade do século XIX, momento em que, no local interiorano denominado Fazenda Taboleiro Grande, pertencente à cidade do Crato, uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores fora erguida em frente a três frondosos Juazeiros<sup>10</sup>. Naqueles tempos a antiga estrada Missão Velha-Crato consistia em pousada obrigatória para viajantes e tropeiros que viviam em andanças pelo sertão. Décadas mais tarde, em finais do século XIX, por toda uma série de contextos e acontecimentos, as notícias que circulavam pelas matas da caatinga davam conta de que “Juazeiro despontava como uma boa opção para os desvalidos em busca de sobrevivência [...] foram muitos os que chegaram a Juazeiro ou Belo Monte, como romeiros ou migrantes à procura de novo endereço.”<sup>11</sup>

O complexo imbricamento entre o sagrado e o profano, preponderante na construção do território do Juazeiro, é em grande medida, constantemente mantido e ressignificado por memórias circulantes, (re)apresentadas a partir de diversas formas de práticas e enunciações. No epicentro do processo de formação desse território encontra-se a figura do padre Cícero Romão Batista, fundador da cidade, além de seu mentor político e espiritual ao longo de mais de meio século.

A história de Juazeiro confunde-se com a história do padre Cícero Romão desde que este chegou à localidade em 1872 para assumir a capela do povoado. Consta que em suas primeiras décadas no “Joazeiro”, Cícero Romão empreendeu junto à população, missão ao mesmo tempo evangelizadora e moralizante, que modificou os costumes da população, afastando do local a presença de malfeiteiros e combatendo pessoalmente “a bebedeira e a prostituição”.

<sup>10</sup> Árvore frutífera típica da flora da caatinga, nas regiões semiáridas do Brasil, o Juazeiro é conhecida por sua resistência a condições climáticas do ambiente extremamente seco e quente, permanecendo sempre viçosa e frondosa mesmo quando outras plantas da vegetação sucumbem e secam.

<sup>11</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Com quantas memórias se faz o sagrado?** Narrativas e narradores da “Nova Jerusalém”. Cadernos do CEOM (UNOESC), Chapecó- SC, v. II, p. 311-348, 2003. p. 312.

Foi, porém, em 1889 que uma série de fatos extraordinários mudou definitivamente a rotina, o cotidiano e os rumos da localidade: durante uma comunhão oficiada pelo padre Cícero, a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, teve em sua boca, a hóstia consagrada convertida em sangue. O fato que se repetiu por diversas outras vezes ganhou grande repercussão junto à população local, tendo sido por muitos considerado um milagre. Para crentes e devotos, na boca da beata manifestara-se o próprio sangue de Jesus Cristo como forma de demarcar naquela localidade o lugar sagrado escolhido por Maria, a “mãe de Deus”, para constituir-se a “Nova Jerusalém”.

Desde os eventos que ficaram conhecidos como “milagres de Juazeiro” a cidade entrou em um profundo e ininterrupto processo de reconfiguração e ressignificação de seu espaço. Na medida em que as notícias sobre os milagres espalharam-se, multidões de pessoas passaram a buscar Juazeiro como lugar de morada que garantiria novas oportunidades, de peregrinação religiosa, para aqueles que buscavam alcançar graças para si ou para os seus, ou ainda, melhores condições de vida na Terra e no Céu.

Na bagagem de cada devoto, de cada romeiro ou peregrino, emanações de fé eram convertidas em histórias que ligavam o padre Cícero a velhos e novos milagres. Eram histórias sobre a misericórdia de Jesus e de Maria, mãe de Deus, histórias sobre provações, graças e curas alcançadas, castigos divinos exemplares, a serem contados por uns e ouvidas por muitos, histórias sempre protagonizadas pelo “padim” e, nessa direção, o espaço de Juazeiro foi sendo forjado por narrativas que se multiplicaram em se trançaram em camadas que foram se combinando na formação de um tecido composto por sentidos em constante reafirmação e reelaboração. Afirmando que “antes de explicado, Juazeiro do Norte é narrado”<sup>12</sup>, Ramos argumenta:

<sup>12</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O tempo e a trama:** o Padre Cícero na narrativa dos devotos. Fortaleza - CE, Kairós: R. Acadêmica da Prainha, v. 11, n. 1-2, p. 53-78, 2014. p. 56.

Familiarizados com o contar e o ouvir de graças alcançadas, bem como das prodigiosas biografias de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos dos sertões receberam as notícias sobre o “Milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inserido em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro do Norte na medida em que todos também se sentiram partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias produziam crenças.<sup>13</sup>

A noção de “cidade invisível” pensada a partir de Juazeiro do Norte pode tornar-se melhor compreensível na medida em que buscamos estabelecer diálogos entre as tessituras que constroem Juazeiro como território dotado de multifacetada constituição e as diversas naturezas de elementos que compõe as cidades apresentadas no livro de Calvino. Em sua obra, o escritor italiano apresenta suas cidades divididas em *onze categorias* que possuem características próprias, peculiares, porém, parecem ter sido pensadas no sentido de irem se misturando, imbricando, complementando, na medida em que vão sendo desenvolvidas através de um mosaico dotado de potencial para compor “um todo”. Cabe-nos indagar: se nos apropriarmos desses arquétipos, dessas representações de cidades, Juazeiro seria capaz de ser analisada a partir dessa totalidade de elementos? Vejamos.

A categoria *as cidades e o nome*, por exemplo, remete, entre outras, à concepção fornecida por Aldo Rossi de que o sentido do lugar emana dos acontecimentos e do(s) signo(s) que o fixou<sup>14</sup>. Não que o nome da cidade deva defini-la ou comprehendê-la estaticamente, uma vez que a cidade é mutável e constantemente reelaborada. Pensada enquanto *lugar*<sup>15</sup>, a cidade constitui-se a partir de todo um conjunto de imagens individuais ou coletivas que a inspira.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 188.

<sup>15</sup> Para conhecer a forma como estamos trabalhando o conceito de lugar, ver: Ver: NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUC/SP, Projeto História, n. 10, p. 1-28, p. 9, dez. 1993.

Mesmo que essa cidade-lugar sempre extrapole sua denominação, pensar em seu nome é evocar de imediato um conjunto de imagens que lhes fazem referência. Ainda que nunca se tenha estado em determinada cidade, seu nome pode ativar memórias coletivas (advinda dos livros, filmes, histórias e estórias, contadas e ouvidas) relacionadas a um imaginário que se baseia naquilo que absorvemos.

Juazeiro do Norte tem em seu nome, referência à árvore que marca o início daquele lugar. A árvore, símbolo da perseverança e resistência que seria exigida a todas as formas de vida no sertão, árvore que flora e fornece sombra mesmo quando toda a vegetação da caatinga torna-se seca, foi com o tempo, além de marco inicial a dar nome à cidade, convertida em símbolo dos valores de um povo resistente e resignado, que tornou aquele lugar peculiar, especial, sagrado. Mesmo em se tratando de uma árvore típica e abundante na região, o juazeiro que dá nome ao lugar - aquele espécime específico - foi e continua sendo enunciado em histórias, cantorias e poemas, como árvore que diferencia-se de todos os outros juazeiros, por ser a “única no mundo” sem espinhos: “Você pode ver tá lá na praça e você pode procurar e não encontra nenhum espinho [espinho]”<sup>16</sup>.

Essa árvore única, assim como o lugar a quem ela empresta o nome, lugar que foi capaz de nascer, florescer e nunca deixar de dar frutos no meio de terras áridas, quentes, difíceis, torna-se símbolo inaugural de um espaço que, combinado a diversas outras imagens e simbologias, foi se constituindo para ser igualmente único no mundo.

Quando Calvino trata de *as cidades e a memória*, o passado parece estar se imbricando com o presente, além de ser evocado quando se quer pensar o futuro. Nas cidades narradas a partir dessa categoria, as memórias individuais e as memórias construídas coletivamente aparecem como elementos capazes de conferir identidade ao espaço e sentimento de pertencimento aos grupos sociais

<sup>16</sup> RAMOS. *Com quantas memórias...* . p. 338.

que o compõem e partilham. “A identidade da cidade manifesta-se no significado que os espaços têm para o indivíduo”<sup>17</sup>.

Quanto aos significados, é importante lembrarmos que os lugares que compõem a cidade são geralmente carregados de simbologias construídas coletivamente a partir dos sentidos que lhes são dados através de diversos patamares de operações de memória. As memórias coletivas e os significados atribuídos aos lugares associam-se às memórias de cada indivíduo produzindo identificação e sentimento de pertença.

Evocadas pela ativação de memórias que colocam lado a lado, passado e presente, cada representação de Juazeiro seria formada pelo caleidoscópico mosaico de memórias que trazem para o agora elementos múltiplos, de diversos passados, na maioria das vezes não necessariamente datados, indeterminados no tempo, passados que evocam acontecimentos, ritos, crenças, tradições, capazes de serem revisitados, contrapostos, combinados, postos em diálogo de modo a (re)atualizar e dar manutenção nas tessituras desse espaço.

A Juazeiro invisível, em sua relação com as memórias, torna-se, portanto, uma cidade onde o passado e o presente se combinam e se confundem. Todas as vezes que um passado de tradições, baseado nas memórias da cidade, de sua gente, suas práticas e ritos, é evocado e utilizado em relação às demandas sociais do presente, o espaço da cidade é reconfigurado e atualizado. Tal relação coloca a cidade em uma dinâmica de constante reelaboração e ressignificação de si, o que faz de Juazeiro, paradoxalmente, território de permanentes sentimentos de nostalgia e mudança.

As memórias também podem ser relacionadas aos *desejos*, aos sonhos dos indivíduos e grupos nas elaborações que esses constroem acerca do espaço. Idealizar a cidade a partir de um fio condutor baseado no que se sonha e deseja

<sup>17</sup> Oliveira Silva, Ana Carina. **Para uma Cartografia Imaginária:** desfragmentação de “As cidades Invisíveis” de Italo Calvino. out-2013-14. Dissertação (mestrado em arquitetura) – Departamento de Arquitectura, Universidade do Minho, Portugal. p. 29.



para ela, acaba sendo uma das formas de construir e consolidar seu espaço. Na voz do “seu” Marco Polo, Calvino chega a afirmar que “do número das cidades imagináveis temos de excluir aquelas cujos elementos se somam sem um fio condutor que os ligue, sem uma regra interna, uma perspectiva, um discurso”. A cidade seria, portanto, um constructo daquilo que se materializa a partir do que, em tênue relação entre utopia e distopia<sup>18</sup>, consolida seu território.

É assim que em *as cidades e os desejos*, os múltiplos, infindáveis caminhos possíveis de serem percorridos em uma cidade refletem os desejos do praticante por reinventar sua relação com o espaço. Juazeiro é assim formada, constituída, a partir de caminhos diversos e múltiplos. Transitando entre a condição de espaço sagrado e profano, as memórias, práticas, representações, discursos que se interligam (re)inventando Juazeiro continuamente, são diversos, repletos de multiplicidades, algumas vezes dissonantes, outras, complementares, todas, sempre, constituintes desse espaço em constante reelaboração.

As cidades pertencentes à categoria *as cidades e os símbolos*, nos permitem pensar sobre a linguagem da subconsciência coletiva existente em cada cidade. Muito mais do que apenas por sua forma física, a cidade é constituída pelos significados atribuídos aos símbolos que a representam e tornam únicas. Os símbolos são capazes de promover a compreensão da cidade através de um texto complexo, dotado de um “vocabulário visual”, que se apresenta como linguagem definidora do espaço, seus territórios, hierarquias e práticas.

A Juazeiro que “flutua no tempo e no espaço” é a Juazeiro do Padre Cícero, seu símbolo maior, o “Padim” dos devotos, romeiros e demais pessoas de fé; também é a Juazeiro dos milagres, promotores dos processos iniciados com a

<sup>18</sup> Segundo Maria de Fátima Silva, a noção de ‘utopia’ radica dos modelos mais antigos de tradições literárias europeias e nunca deixou, em nenhuma época, de concentrar o interesse de criadores e leitores. Se a ‘utopia’ pretende designar o desenho de uma forma de vida considerada perfeita, a ‘distopia’ marca o desvio, a deturpação de um quadro de vida conhecido. Uma r outra são tendenciosamente fantasiosas e radicam que é variável a depender do ponto de partida de cada nova elaboração utópica ou distópica. Ver: FÁTIMA SILVA, Maria de. **Utopias e distopias**. Coimbra-PT: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p. 7-9.



transformação da hóstia em sangue, na boca da beata Maria Araújo; é ainda a Juazeiro da Serra do Horto, com o tempo, referenciada pelos beatos como “jardim das oliveiras”, lugar cujos caminhos sinuosos passaram a ser associados ao calvário de Cristo, local que desemboca aonde, em 1890, começou a ser erguida a igreja fruto do “cumprimento de uma promessa feita por Padre Cícero a três colegas, com a finalidade de caírem chuvas no humilde povoado, acabando assim com uma grande seca”, igreja que mesmo tendo sua construção interrompida em 1896, e suas paredes derrubadas em 1936, não deixou de ser significada como local sagrado demandador da crescente visitação dos peregrinos em romarias que não pararam de crescer; também, do Riacho do Salgadinho que se converteu em Rio Jordão; da Capelinha do Santo Sepulcro, onde vivera e morrera o beato Manoel João; da fonte de Santa Ana, dotada de águas milagrosas e curativas que enchiam as garrafas dos romeiros; do canhão que falhou por obra de Deus ao ser usado contra os romeiros em luta, no ano de 1914; da pedra de onde a cidade será desencantada e se tornará a Nova Jerusalém, com a volta de Jesus Cristo; desses e de incontáveis outros elementos que se convertem em símbolos que compõe a complexa teia de fios que (re)definem o tecido desse espaço.

*As cidades delgadas* de Calvino são representadas como “descoladas da terra”, projetadas “para cima”, isoladas da terra firme por algum artifício possível para aquele que a descreve mais com a “visão da mente” do que com os olhos do corpo. São cidades “leves como papagaios de papel, cidades perfuradas como rendas, cidades transparentes como mosquiteiros, cidades nervuras de folhas, cidades linhas da mão, cidades filigrana, para ver através da sua opaca e fictícia espessura”<sup>19</sup>.

Assim como essas cidades, a Juazeiro invisível, dos romeiros, dos devotos, dos poetas de folhetos, das histórias lidas, contadas e ouvidas, não se

<sup>19</sup> CALVINO. Op. cit., p. 75-76.



encontra em um lugar fixo. Também não se constitui em uma temporalidade única, estática. Juazeiro é ao mesmo tempo moderna e antiga, atemporal, desconectada de um território de fronteiras materialmente definidas. Leve, fluída, desatrelada do chão por não ser formada apenas pelo peso que sua simples materialidade poderia impor, Juazeiro projeta-se “para cima”, flutuante em tempo e espaço de tessituras em constante manutenção e ressignificação. Enxergar o território do Juazeiro em suas diversas nuances, exige o tipo de visão que se produz quando os olhos estão fechados, olhando para dentro, ou então, semicerrados, turvos como o “olho que lacrimeja diante das imagens do santuário doméstico, ou em face da grande estátua do Horto”<sup>20</sup>. Vista através dos devaneios do mundo sagrado e das interações desse mundo com os elementos da cidade profana, Juazeiro passa a ser dotada daquilo que Ramos chamou de “invisibilidade barroca”, ou melhor, “uma forma historicamente situada da claridade que se vê no escuro da vista, em jogo turvo de sombra e luz”<sup>21</sup>.

Tal noção também pode ser percebida e relacionada a Juazeiro nas cidades discutidas em *as cidades e os olhos*. Tais cidades nos permitem pensar as percepções produzidas a depender da perspectiva e do referencial de quem olha a cidade. Nessas cidades a noção de invisibilidade emerge com a força da ideia de que, por vezes, para enxergar a cidade é preciso olhá-la a partir de suas histórias, seus principais acontecimentos, personagens, símbolos e tradições. Porém, há sempre formas distintas e múltiplas de se enxergar a cidade a depender da perspectiva de quem a olha. A cidade considerada perfeita, por exemplo, pode com o tempo tornar-se monótona, previsível aos olhos de quem a experiencia por muitos anos. A cidade enxergada por quem não está satisfeito com o mundo tal como ele é, ou ainda, por quem quer dessa cidade um modelo ideal, exemplar para o resto mundo, pode ser vista como se existisse desprendida do chão, como

<sup>20</sup> RAMOS. *Com quantas memórias...* . p. 328.

<sup>21</sup> Ibid.

se estivesse formada sobre as nuvens do céu, protegida por seus mistérios e singularidades.

Em *as cidades e as trocas*, a cidade emerge a partir da questão da circulação de seus praticantes e das camadas de mobilidades urbanas que dão ao espaço certo caráter de um “ser mutante”. Nesse tipo de cidade são abordadas as tessituras do território, as camadas de atores no espaço urbano, bem como o embate entre rotina e mudança. São cidades representadas pelas trocas que aqui se apresentam não apenas como comerciais, mas também, como trocas de experiências e memórias na interação entre os indivíduos e o espaço praticado.

Na Juazeiro invisível tais abordagens são perceptíveis quando voltamos nossos olhares às múltiplas e simbióticas relações entre os habitantes da cidade, seus comerciantes, figuras públicas e, principalmente, os milhares de romeiros que constantemente colocam esse espaço em formas de movimentos que paradoxalmente nunca deixam de se repetir, mas, nunca se repetem da mesma maneira que antes. Também em Juazeiro, as trocas ocorrem como formas de complementar e consolidar, não apenas as experiências entre os atores que compõe esse espaço, mas também, a relação destes com o próprio espaço, seus lugares de memória, seus símbolos, suas narrativas e os discursos circulantes e decorrentes de todos esses elementos.

Em *as cidades e os mortos* o tempo se complexifica, mais uma vez, a partir da noção de que o passado é capaz de viver no presente, ou ainda, certos elementos, características, modos de ser e de viver, são “herdados” daqueles que vão morrendo, vão deixando de existir, por aqueles que permanecem vivos, em um contínuo processo de manutenção e ressignificação. Assim, passado e presente coexistem e se combinam em uma teia complexa de permanência e renovação. Nessas cidades, surge a metáfora de que diálogos em andamento podem ser deixados e reencontrados anos depois, uma vez que, mesmo morrendo os dialogadores, esses logo são substituídos por pessoas que assumem seus

lugares, dando continuidade ao que estava em curso. A principal noção aqui é a de que pessoas mudam e se sucedem em seus papéis sociais, porém, os papéis permanecem. Nos novos papéis, nenhuma pessoa conserva “a voz” e “o olhar” da cena precedente. Os dialogadores às vezes se modificam, ressignificam, mas o padrão da cidade e seus diálogos permanecem nas bocas e olhos de cada nova pessoa.

Juazeiro encaixa-se a essa metáfora na medida em que, com o passar do tempo, seus atores se renovam assumindo antigos papéis e fazendo permanecer os “diálogos da cidade”, modificados em “timbre e olhar”, porém, mantidos em tom e teor. Em cada presente, os habitantes da cidade, seus romeiros e peregrinos, seus poetas e cantadores, mas também, seus religiosos, homens públicos, comerciantes, memorialistas, inspiram-se num passado vivido por atores que já se foram, muitas vezes assumindo seus papéis, renovando-os, ajustando-os ao presente, dando-lhes manutenção.

Também faz parte dessas cidades a possibilidade de que cada pessoa viva possa fazer lembrar alguém que já se foi. Assim como ocorre com as operações de memória sobre o esquecer e o lembrar, aonde imagens do presente ativam lembranças pretéritas guardadas na memória, aqueles que compuseram o passado podem (quase) sempre ser reconhecidos no presente da cidade. Tal operação ocorre com a Juazeiro que analisaremos, pelas maneiras como o presente tem a feição do passado e o passado se manifesta no presente. Reconhecida, também, por tais feições e atributos, Juazeiro não existiria apenas suspensa no espaço, mas, também, no tempo.

*As cidades ocultas* são as cidades mais tardeamente apresentadas no livro de Calvino, o que faz destas um contraponto com *as cidades e a memória*, quase todas apresentadas na primeira parte da obra. São representadas pela complexidade dos seres humanos que a praticam em cada época. Aqui a complexidade se define pelas diversas formas de se sentir e praticar a cidade,

também, pelos jogos entre os interesses, desejos e modos de ser, advindos de cada tipo humano que compõe o espaço. Juazeiro não deixa de ser fabricada a partir da complexidade e da multiplicidade advindas daqueles que a praticam. O espaço do Juazeiro costuma constituir-se por narrativas que envolvem os de fora e os de dentro; os felizes, geralmente gratos pela proteção, pelas graças adquiridas e os infelizes, angustiados, sofredores, às vezes penitentes, ávidos por cura ou melhoria na vida; os bons, muitas vezes representados como fiéis crédulos e seguidores dos ensinamentos do padre e da Mãe de Deus, merecedores das graças e da proteção almejadas mediante uma resignada conduta de fé e obediência e os maus, a serem punidos por suas blasfêmias, incredulidades, desobediência aos princípios e ensinamentos sagrados. Todas essas dualidades humanas não só compõe a complexa teia de relações no Juazeiro, como servem, *a posteriori*, como narrativas exemplares, capazes de circular e ajudar a dar manutenção às suas noções de realidade.

Juazeiro também pode ser analisada a partir da noção de *cidade contínua*, cidade que encarna a dicotomia entre o novo e o velho, entre o moderno, que cresce e se expande a partir dos símbolos do progresso, e o tradicional, que busca manter-se vivo, adentrando e ajustando-se a cada novo espaço nascido da cidade.

Segunda maior cidade do Ceará, a Juazeiro que transita entre o sagrado e o profano é a cidade contínua que contempla o romeiro que vem pagar uma promessa ou agradecer por graças alcançadas através do “padim Ciço” e vê-se inserido, imerso, em uma desenvolvida rede de comércio “que se destaca pela variedade de mercadorias em circulação”<sup>22</sup>. Desde os tempos em que o padre Cícero atuava em Juazeiro, a cidade já era enaltecida por discursos que a destacavam como “cidade do desenvolvimento”, “cidade que mais cresce em sua

<sup>22</sup> Ibid., p. 313.

região”<sup>23</sup>, território que abriga a missão de expandir-se continuamente sem, contudo, perder sua essência. A Juazeiro experienciada como território sagrado, tradicional, mantém-se, mesmo em suas periferias, centros comerciais, conjuntos habitacionais planejados e em seu imenso *shopping center*, símbolo inconteste da metrópole moderna.

Por fim, não apenas dialogando com as demais categorias de cidades invisíveis, mas, principalmente, amalgamando-as, temos *as cidades e o céu*, como cidades que buscam elevar-se do solo e distanciar-se da Terra a partir de ideais de perfeição e interação com o cosmos. Essas são cidades que mesmo renovando-se continuamente, pautam-se na noção bíblica, de “paraíso”, de território ideal que, mesmo possuindo fronteiras fluídas, separa-se do restante da existência a partir de muros invisíveis capazes de garantir à cidade, certa “permanência transcendental”.

Em sua relação com o céu, Juazeiro encarna certa tez de “paraíso na Terra”, território ideal constituído pela planificação e conceituação de um espaço urbano em sua relação com a fé no divino<sup>24</sup>. Essa é a Juazeiro capaz de abrigar os merecedores de ali serem acolhidos por valores como fé, resiliência, arrependimento, pelas boas ações, lugar onde os oprimidos podem encontrar proteção e alento. Também é esse um território representado muitas vezes, por diversas formas de discursos, como objeto de desejo do demônio, que buscara pôr em prova a fé dos romeiros, testando-lhes a obediência, incitando-os a desrespeitos e profanações que ajudariam a corromper a pureza desse espaço sagrado. “Não dê gosto a Satanás, vá para o Horto rezar e depois volte para sua casa com todo respeito”, recomendaria em suas memórias dona Maria da Conceição Lopes Campina, antiga moradora da cidade, sobre as mudanças de comportamento dos romeiros com os locais sagrados da cidade ao passar dos

<sup>23</sup> CARIRI DAS ANTIGAS [ACERVO]. **Juazeiro do norte em 1925**. [S. l.: s. n.], dez-2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7yk2UGPJio>

<sup>24</sup> OLIVEIRA SILVA. Op. cit., p. 99.

tempos: “É por isto que não chove. Tudo isto é os demônios dos infernos tentando. Chega lá, mal se benze e se levanta e vai voltear pela praça”. Seria assim a Juazeiro que se faz existente entre a Terra e o Céu, entre o profano e o sagrado, entre a luz e as sombras entre o visível e o invisível. É essa a Juazeiro que buscaremos discutir com maior profundidade nos próximos tópicos.

## Conclusão

Enfim, como dissemos antes, apresentamos nesse ensaio onze categorias de cidades que possuem características próprias, peculiares, porém, parecem ter sido pensadas no sentido de irem se misturando, imbricando, complementando, na medida em que vão sendo desenvolvidas através de um mosaico dotado de potencial para compor “um todo”. Surpreendentemente, Juazeiro do Norte, cidade sagrada e profana, praticada por habitantes, devotos, romeiros, que lhe ressignificam a cada novo ciclo de práticas sociais, parece conseguir dialogar com a possibilidade de ser considerada uma cidade invisível. Tal perspectiva abre diversas possibilidades de abordagens que poderão se somar às muitas facetas que essa cidade oferece e oferecerá por muito tempo àqueles que se aventurarem a percorrer criticamente seus espaços.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, Pedro Ferreira de. **O Santo do Meu Nordeste - Padre Cícero Romão Batista.** São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1997.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. O reino encantado. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1878.
- BARTHOLOMEU, Floro. **Joazeiro e o Padre Cícero:** depoimento para a História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.



BOFF, Leonardo. **O Padre Cícero à luz do Papa Francisco** [conferência]. In. 5º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero – RECONCILIAÇÃO E AGORA?. URCA. 2002, Juazeiro do Norte – CE.

BOLOGNIN. Renan Augusto Ferreira. **Entre a ausência e a presença:** as hierarquias fantasmagóricas das fotografias de *nove noites*, de Bernardo Carvalho. ANAIS ELETRÔNICOS DO IX Colóquio de Estudos Literários. Londrina – PR: setembro de 2015.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2ed.

**CARIRI DAS ANTIGAS** [ACERVO]. Juazeiro do norte em 1925. [S. l.: s. n.], dez-2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7yk2UGPJio>

CAVVA, Ralph Della. **Milagre em Joáseiro**. Trad. De Maria Yeda Linhares. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joáseiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DERRIDA, Jaques. **Essa estranha instituição chamada literatura:** uma entrevista com Jaques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUMOULLIN, Annette. **A Romaria em Juazeiro do Norte**. In: Romeiros de ontem e de hoje: peregrinação e romaria na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1990.

FÁTIMA SILVA, Maria de. **Utopias e distopias**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. **Juazeiro e o Padre Cícero:** cenas e quadros do fanatismo no Nordeste. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



MONTEIRO, Evandro Zigliatti. **Cidades invisíveis visitadas.** Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. São Paulo: ano 08, n. 085.02, Vitruvius, jan. 2009.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus:** a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (1888-1898). 2010. 196f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

OLIVEIRA SILVA, Ana Carina. **Para uma Cartografia Imaginária:** desfragmentação de “As cidades Invisíveis” de Italo Calvino. out-2013-14. Dissertação (mestrado em arquitetura) – Departamento de Arquitectura, Universidade do Minho, Portugal.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Revista Brasileira de História, São Paulo, vol.27 no.53, Jan./Jun. 2007.

\_\_\_\_\_. Sandra Jatahy. **Muito além do espaço:** por uma história cultural do urbano. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v.8, n.16,1995, p.279-298.

PINHEIRO, Ilmário de Souza. **O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte:** Implicações sociais e religiosas. São Paulo: Lins, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Com quantas memórias se faz o sagrado?** Narrativas e narradores da “Nova Jerusalém”. Cadernos do CEOM (UNOESC), Chapecó- SC, v. II, p. 311-348, 2003.

\_\_\_\_\_. **Da casa do santo ao santo da casa:** espaço de devoção em Juazeiro. Fortaleza-CE, Trajetos – Revista de História da UFC, v. 5, n. 9/10, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Meio do Mundo:** território Sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **O tempo e a trama: o Padre Cícero na narrativa dos devotos.** Fortaleza-CE, Kairós: R. Acadêmica da Prainha, v. 11, n. 1-2, p. 53-78, 2014.

. **O verbo encantado:** a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Unijuí, 1998.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade.** Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Alcides Cardoso dos. **De cegos que vêm e outros paradoxos da visão questões acerca da natureza da visibilidade.** Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres:** aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

TEIXEIRA, Andre. Juazeiro do Norte (CE) atrai número recorde de romeiros. Ceará: G1, 01-2012 [matéria jornalística]. Disponível em:  
<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/01/juazeiro-do-norte-ce-atrai-numero-recorde-de-romeiros.html>. Acesso em: 08-2018.